

## **Kazuo Wakabayashi e a Força da Elipse em suas obras**

**(01/05/1931 – 02/12/2021)**

Maria Fusako Tomimatsu

Doutora em Literatura Comparada -FFLCH - USP

Faz aproximadamente dois anos que o artista Kazuo Wakabayashi partiu. O mundo despediu-se deste amado mestre da pintura nipo-brasileira, quando se aproximava o final do 2021. O país encontrava-se, então, em caos, motivado pela COVID-19.

Essa circunstância não favoreceu a homenagem póstuma da qual o artista era merecedor. Um artista, mesmo após desaparecimento do corpo físico continua presente, através de suas obras. Wakabayashi nasceu em Kobe e frequentou a Escola de Belas Artes e a Academia Niki, em Tóquio. Foi agraciado com prêmios em salões japoneses (1947, 1950, 1954 e 1959) e se muda para São Paulo em 1961, aos 30 anos de idade. Continua recebendo prêmios no Brasil (12º Salão Paulista de Arte Moderna em 1963, 7º Salão do Grupo Seibi de Artistas Plásticos, no mesmo ano, Salão de Abril do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro em 1966 e Bienal de São Paulo em 1967.

A Biografia “Kazuo Wakabayashi: Um Artista Imigrante”, de minha autoria foi publicada em 2017 pela Editora Porto de Ideias. Seria oportuno referir-se neste momento, mesmo que brevemente, à vida e a obra deste saudoso artista.

As obras de Wakabayashi são marcadas pelo signo da morte. Refletem a sua experiência japonesa, da morte de seu pai, ainda na infância, e de outras pessoas de seu convívio. Mas, não se trata apenas da morte física. A morte metafórica, em que o livre-arbítrio do indivíduo é ignorado e as circunstâncias político-sociais e familiares impõem ações também são representadas por elementos onipresentes em suas pinturas. A morte metafórica lhe foi imposta por sua condição de primogênito e por testemunhar o militarismo japonês. Desse período, o artista herdou uma ferida na região frontal do crânio, causada por um golpe de sabre que levava do vice-diretor, quando estava no segundo ano do curso ginásial. Naquela época, o professor era autoridade máxima e o castigo físico não gerava nenhum processo judicial. Tempo em que o governo enviava oficiais militares às escolas para inspecionar a educação e obrigar os alunos a decorarem por inteiro o rescrito imperial militar. A hierarquia imposta fazia com que os subordinados apanhassem de seus superiores, os oficiais batessem nos soldados e os alunos apanhassem de seus professores.

A morte, assim, é representada por uma constante aparição de formas elípticas. Akihisa Kawata (1966- ) estabelece uma analogia entre dois focos da elipse e os dois significados centralizados do militarismo japonês. Um é o enaltecimento público dos acontecimentos que contribuem para a glória do

regime, como as operações militares e os documentários. Outro são símbolos que representam esses acontecimentos, como o sol nascente, representado pela bandeira japonesa como um símbolo de dominação mundial, o monte Fuji e crisântemos. Tomando como referência os dois eixos de uma forma elíptica detentores da mesma potencialidade, entendo que um dos focos da elipse de Wakabayashi seria a morte enquanto o outro seria o Japão subjetivado.

Escrever a biografia de Wakabayashi foi uma viagem à procura dos dois focos da elipse da vida do artista. Tentei recriar, por meio do relato do próprio artista, todo movimento de sua vida. No entanto, os devires desta narrativa são moradores do universo criados por mim, que passaram pela minha sensibilidade e, pela minha maneira de enxergar a vida e a obra de Kazuo Wakabayashi. A biografia é sempre incompleta, e por esse motivo a vida pesquisada ou não reserva o encanto do mistério.

30/08/2023

